

ENTRE O SER E O TER E O SER PELO NÃO TER: PROCESSOS DE DESCONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL ACERCA DE PRÁTICAS ANTICONSUMISTAS¹

Djone Rodrigo Bittencourte²

Gisely Pereira Botega³

RESUMO: O estudo aqui proposto, com a temática de práticas anticonsumistas, visa traçar um paralelo entre a imersão, dissidência e contraposição ao modelo socialmente estabelecido do capitalismo, com suas vertentes no anticonsumo. O “anticonsumo, vocábulo que significa, literalmente, contra o consumo”⁴, compreende comportamentos de defesa frente a formas de consumo ou de adequação às suas condições e finalidades, um meio de resistir ao sistema financeiro que falha em seu propósito. Consumo e consumismo, embora semelhantes na grafia, trabalham sob aspectos diferentes. Consumos são necessários e saudáveis. Possibilitam melhorias na qualidade de vida e satisfação às pessoas. Já o consumismo é voltado para culturas de excesso, hora desnecessários, contrário aos bons costumes e aos princípios de igualdade. A pesquisa objetiva produzir aproximação com realidades psicossociais diferenciadas da hegemonia cultural pró-consumo, sob perspectivas, enfrentamentos e maneiras de lidar com consumos que melhor garantam necessidades dignas de sobrevivência e minimizem situações de desigualdade coletiva. Enfatiza um leque de experimentações sobre o ser e o ter, uma relação entre exigibilidade social e posses, assim como o ser pelo não ter, originada, sobretudo, por questões que envolvem vulnerabilidades sociais. Para tanto, o pesquisador apresenta o agregado de informações resultantes de uma pesquisa qualitativa, derivada da participação de quatro pessoas, homens e mulheres, em entrevistas semiestruturadas, devidamente gravadas e posteriormente transcritas, para análise de práticas discursivas e produção de sentidos consoante às narrativas⁵. As entrevistas prosseguiram na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. Os resultados da pesquisa convergem para o consumo como uma herança geracional que gradativamente pode ser modificada e evoluir para práticas mais sustentáveis, quando exercitadas e aplicáveis. A falta de condições para se consumir evidenciou-se como potencial fonte de constrangimentos sociais, fruto da exploração capitalista que empurra as pessoas para os problemas econômicos de sua estrutura e não condiz à própria demanda. Ainda com base nas entrevistas, o não consumo proveniente de faltas monetárias traz consigo inconvenientes desafios psicossociais. Em um olhar didático sobre o retrovisor da vida, formas de consumo podem ser como pontos cegos. Se não for conferida a devida atenção, passam despercebidos e podem ocasionar resultados indesejáveis.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2019.

² Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). e-mail: djone_@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Instituição Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

⁴ FERRAZ, Sofia Batista; REBOUÇAS, Sílvia Maria Dias Pedro; NOGAMI, Vitor Koki da Costa; QUEZADO, Izabelle. Menos é mais? Um estudo sobre materialismo e anticonsumo. **Revista Pretexto**, Belo Horizonte, MG, v. 15, n. 4, p. 83-99, out./dez. 2014. p. 86. Disponível em: http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/2299/pdf_35. Acesso em: 08 jun. 2019.

⁵ SPINK; FREZZA, 2013.

Palavras-chave: Anticonsumo. Consumo e subjetividade. Desconstrução capitalista. Comportamento consumidor.

1 CONSUMO E DESIGUALDADE

Que atire a primeira moeda quem nunca se permitiu seduzir aos apelos de uma oferta nos supermercados, lojas de conveniência, concessionárias, postos de combustíveis, farmácias ou lojas de departamento. Pode não haver, inicialmente, uma pretensão de visitar estes locais para adquirir algum produto, porém, em uma sociedade capitalista, é um admissível desfecho. A função publicitária, com suas formas de estímulo, são bem-sucedidas em seu propósito, elas conseguem atingir o seu auge ao persuadir uma pessoa a fazer o investimento em algum produto ou promessa resultante daquela aquisição, mas, por vezes, este consumo não é coerente com o seu poder aquisitivo, no dado momento. As propagandas, embasadas em princípios éticos e criativos, despertam o interesse de potenciais compradores, auxiliando-os a desenvolver senso crítico para realizar escolhas, mas guardam correspondência com um ponto de cisão sobre proficiências e dispensabilidades. Quem consome precisa aprender a lidar com tantos estímulos, para que eles não representem consumismos, formas de consumo financeiramente nocivas.

Então, que seja a própria moeda atirada investida em consumos conscientes, no que é singularmente essencial e economicamente justificável, ou que seja economizada mediante uma oferta placebo. Com recursos e em condições limitadoras, qualquer moeda pode ser melhor aproveitada se disponível nas melhores oportunidades, reforçando compromissos mundanos ao invés de contribuir para as injúrias capitalistas provenientes do mercado consumidor inconsequente. “É dito com frequência que o mercado de consumo seduz os consumidores. Mas para fazê-lo ele precisa de consumidores que *queiram* ser seduzidos (...).⁶ A sedução por consumíveis pode resultar, dentre outras, em perdas monetárias, superendividamento, estresse, ansiedade, depressão, tempo de trabalho para compensação financeira, podendo se estender por anos ou uma vida inteira, ou também em ausência de atividades de entretenimento, já que a decisão foi pela aquisição de algo material imediato, com questionáveis qualidades mágicas e tempestivas de satisfação. ‘Sêneca alertou: a satisfação que chega mais rápido também é a primeira a morrer.’⁷

Evidentemente, me refiro ao termo “atirar moedas” com sentido metafórico ao hábito de consumir incessantemente. Nesta dinâmica de pensamento, um consumidor não atira

⁶ BAUMAN, 1999. p. 92.

⁷ BAUMAN, 2008. p. 194.

somente uma moeda, e não atira somente uma vez. Está tão preocupado em atirar moedas que não sobra oportunidade para pensar em onde ou em quem atira, ou se todos possuem as mesmas condições de atirá-las. Na jornada capitalista de consumo, pessoas, sociedades, países e o mundo sofrem seus efeitos. O capitalismo favorece uma fração da coletividade que certamente possui seus problemas, mas, em contrapartida, patrocina e despreza uma massa de pessoas que possuem problemas agravantes, sucedidos por processos de desigualdade, como a miséria, analfabetismo, indigência, criminalidade, racismo, etc. Para o autor Karl Marx, a “situação em progresso da sociedade, o declínio e o empobrecimento do trabalhador são o produto de seu trabalho e da riqueza por ele produzida.”⁸ “A vertiginosa produtividade do capital o capacita a engolir a totalidade dos recursos humanos e materiais do nosso planeta e vomitá-los de volta na forma de [...] ‘produtos de consumo de massa’, cronicamente subutilizados, [...] inseparável de uma fatal destrutividade.”⁹

Segundo dados noticiados no mês de abril de 2019, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o “Desemprego sobe para 12,7% com 13,4 milhões de pessoas em busca de trabalho”.¹⁰ Ainda segundo o IBGE, com dados sobre 2017 da Síntese de Indicadores Sociais (SIS), 54,8 milhões de brasileiros se encontram abaixo da linha de pobreza, o equivalente a 26,5% da população, com renda domiciliar por pessoa abaixo de R\$406,00 mensais.¹¹ Com o ordenado por pessoa pouco abaixo da metade do salário mínimo vigente, e aproximadamente metade do valor do que seria preciso, muitas necessidades básicas, como moradia, saneamento, educação, alimentação, entretenimento, previdência, transporte, saúde e segurança, previstas na Constituição Federal, não são supridas e ficam prejudicadas sistematicamente, uma em detrimento de outra.¹²

Todavia, generalizar o consumismo seria imprudente. Há pessoas que limitam o consumo ao estritamente necessário, sem excessos. Não porque, em sua totalidade, foram ensinadas para tanto, mas que, por questões socioeconômicas e subjetivas, não se permitem aos

⁸ MARX, 2010. p. 30.

⁹ MÉSZÁROS, 2002. p. 527.

¹⁰ IBGE. **Desemprego sobe para 12,7% com 13,4 milhões de pessoas em busca de trabalho**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24283-desemprego-sobe-para-12-7-com-13-4-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-trabalho>. Acesso em: 30 abr. 2019.

¹¹ IBGE. **Pobreza aumenta e atinge 54,8 milhões de pessoas em 2017**. Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23299-pobreza-aumenta-e-atinge-54-8-milhoes-de-pessoas-em-2017>. Acesso em: 30 abr. 2019.

¹² **Salário mínimo em fevereiro deveria ser de R\$ 4.052,65, diz Dieese**. Bol.Uol Notícias, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2019/03/12/salario-minimo-ideal-fevereiro-dieese.htm>. Acesso em: 01 maio 2019.

estímulos sociais de consumo e adotam gestões de vida simplificadas, voltadas ao anticonsumo. O processo de assimilação anticonsumista pode demorar muitos anos para começar a fazer sentido na vida de uma pessoa. Não tão só, mas majoritariamente, é um conhecimento restritivo transmitido à longo prazo, efeito da massiva gama de influências opostas a ele. No entanto, seu movimento vem ganhando notoriedade cronológica e não poderia ser mais pertinente frente às incertezas do cenário político brasileiro contemporâneo.

Pelos dizeres acima expostos, o pesquisador considera que, para além de toda decisão ou condição anticonsumista, existe um fenômeno que merece ser investigado e provém dotado de significados e experiências. Assim sendo, esta pesquisa se propõe ao objetivo geral de identificar os principais desafios psicossociais provenientes de processos anticonsumistas, seguidamente dos objetivos específicos de analisar concepções de entendimento sobre hábitos e processos anticonsumistas; conhecer estratégias alternativas utilizadas para gerir a vida fora do modelo capitalista e evidenciar o anticonsumo como um exercício de cidadania e da responsabilidade social.

O pequeno número de estudos encontrados na literatura sobre o fenômeno do anticonsumismo, pela ótica psicológica de interpretar a alienação capitalista do trabalho, e o desconhecimento aliado à escassez de conteúdos acerca da temática, sustentam a tese de relevância para esta investigação. O conhecimento que dispomos hoje é o resultado de concepções empíricas e científicas, mas precisa ser promovido, ampliado, compartilhado e disponibilizado para usufruto de todos. Algumas pessoas buscam desconstruir a lógica hegemônica do capitalismo, estabelecendo limites e produzindo outras formas de lidar com consumos.

Nunca na história se consumiu tanto, mas paralelamente, o consumo jamais gerou tanto sofrimento, processos destrutivos ao meio ambiente, afastamentos laborais, perdas na qualidade de vida, nas relações humanas e mortes. “A ação humana que se encontra no lado dos que sofrem as consequências já não é constituída pela multidão socialmente impotente, apática e fragmentada de pessoas ‘desprivilegiadas’, mas por todas as categorias de trabalhadores, qualificados ou sem qualificação.”¹³ Neste contexto, como a Psicologia pode auxiliar na minimização das perdas humanas decorrentes do consumo ilimitável? Quais motivações se fazem presentes no contra estabelecimento do consumo? De que maneira acontece a mobilização para formas de consumo menos ambiciosas? O que permeia a gerência não

¹³ MÉSZÁROS, 2002. p. 322-323.

permissiva de se deixar seduzir pelos apelos consumistas? Quais fatores subjetivos contribuem para repensar um modo de vida que resista ao capitalismo?

Para a revisão de literatura, foram acessadas as bases de dados Scielo e Pepsic, utilizando na pesquisa as palavras chaves *anticonsumo*, *consumo e subjetividade*, *desconstrução capitalista e comportamento consumidor*. Na base de dados Scielo, a partir dos descritores, foram localizados dezenove resultados que atendem parcialmente aos critérios de relevância para o trabalho, sendo destes classificados cinco artigos com maior pertinência. Em uma breve síntese: (KRAMER; SILVEIRA; ROSSI, 2012) exploram comportamentos de resistência ao consumo, fatores antecedentes, motivações e influências, (SILVA; CHAUVEL; MACEDO-SOARES, 2012) analisam características de uma vida mais simples, pontos positivos e negativos da simplicidade, expectativas de futuro e novas tendências de consumo, (ALBUQUERQUE; BELLINI, PEREIRA; MOTA, 2010) retratam sobre o ciberativismo anticonsumo, opositivo e de resistência contra ideologias organizacionais dominantes, (SUAREZ; CHAUVEL; CASOTTI, 2012) trazem o comportamento anticonsumista sobre as perspectivas contingencial, posicional e ideológica e (MANCIBO; OLIVEIRA; FONSECA; SILVA, 2002) contextualizam a subjetividade proveniente da globalização cultural do consumo.

Na base de dados Pepsic, somente os descritores *comportamento consumidor e consumo e subjetividade* tiveram resultados localizados, com o total de quatorze relevantes e dois elegidos. De forma sucinta: (CANIATO; NASCIMENTO, 2010) abordam a sociedade de consumo sobre os extremos de excesso e privação, relacionando com o modelo de subjetividade correspondente na cultura contemporânea e (PINHEIRO; RHODEN; MARTINS, 2010), dissertam sobre o ócio na contemporaneidade como uma experiência positiva e transformadora dos processos de subjetivação. Partindo da revisão de literatura executada nas citadas bases de dados, é perceptível a carência de conteúdos científicos que contemplem satisfatoriamente a temática proposta. Entretanto, existe uma certa convergência considerativa da nocividade capitalista, enquanto sistema econômico deficitário, que se relaciona com o consumismo e seus impactos psicossociais, gerando, por outra via, movimentos de resistência à sua constituição.

O intelectual “Karl Marx trouxe vários argumentos no intuito de demonstrar os males do capitalismo e de como este mercantiliza as relações, as coisas e, principalmente, as pessoas, que se tornam típicos fantoches do meio.”¹⁴ O capitalismo, como uma das forças motrizes do

¹⁴ BARROS, Raissa Ester Maia. Lazer e jornada trabalho: um estudo sobre a dignidade do trabalhador na sociedade capitalista. In: SINAIS - **Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES. v. 1, n. 19, 2016. p. 111. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/12232/9748>. Acesso em: 07 abr. 2019.

desenvolvimento, possui a capacidade de reduzir as pessoas à sua capacidade de gerar riquezas, como se o valor humano pudesse ser quantificado monetariamente em todas as ações produzidas, sejam elas materiais ou imateriais. “O mercado de trabalho é um dos muitos mercados [...] em que se inscrevem as vidas dos indivíduos; o preço de mercado da mão-de-obra é apenas um dos muitos que precisam ser acompanhados [...] nas atividades da vida individual.”¹⁵ As pessoas possuem valorizações pessoais, elas são subjetivas, mas o capitalismo precifica as qualidades humanas na forma de mercadorias. Subjacente às afirmativas e objetivos dos presentes considerandos, depreendo o seguinte problema de pesquisa: **como acontece o processo de desconstrução subjetiva e quais desafios psicossociais são mais recorrentes no discurso de pessoas frente aos seus processos anticonsumistas?**

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A presente pesquisa foi considerada de natureza qualitativa, uma vez que não houve o uso de instrumentos estatísticos, numéricos ou quaisquer de suas competências. “Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, [...] mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas [,] nem se submetem à prova de fatos.”¹⁶ Minayo refere que a pesquisa qualitativa se embasa em parâmetros subjetivos, com suas devidas realidades elucidativas não quantificáveis, um universo singular de experimentações e o modo fontano de os significar.¹⁷ Todas as interpretações, a título do semi anonimato social oriundo de escolhas anticonsumistas e a invisibilidade das pessoas optantes pelo movimento como estratégia de vida, foram superintendidas a partir de informações disponibilizadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Elas permitiram ao pesquisador compreender formas alternativas de pensar e agir acerca do anticonsumo,¹⁸ propriedade produtora de sentidos, ressignificações e posicionamentos no cotidiano.¹⁹

No que tange aos objetivos, esta pesquisa foi classificada como exploratória. Ela possibilitou o enlace do pesquisador com a temática de interesse²⁰, aprimorando entendimentos e intuições concernentes. “Seu planejamento foi, portanto, de modo a possibilitar a

¹⁵ BAUMAN, 2008. p. 18.

¹⁶ GERHARDT; SILVEIRA, 2009. p.32.

¹⁷ MINAYO, 1996.

¹⁸ CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Florianópolis: 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em: 31 maio 2019.

¹⁹ SPINK; FREZZA, 2013. p. 26.

²⁰ GERHARDT; SILVEIRA, 2009. p.32.

consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.”²¹ Possui temporalidade transversal, pois a coleta de dados aconteceu em um único momento no tempo. Quanto ao delineamento, a pesquisa corresponde ao estudo de casos. Por este recurso, foi possível explorar minuciosamente especificidades situacionais, no seio de considerações singulares, inserindo-as no contexto histórico atual²², um processo de garimpagem de conteúdos condizentes com os objetivos propostos pela pesquisa, para sequente “montagem das peças, como num quebra-cabeça.”²³

Como instrumento para a coleta de dados, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, na qual foram mantidas questões previamente definidas pelo pesquisador, mas com flexibilidade para poder adaptá-las conforme necessidades emergentes, permitindo melhor aprofundamento das narrativas nas entrevistas.²¹ O dispêndio de tempo para desenvolvimento de cada entrevista variou entre dezoito e vinte minutos, sendo direcionadas e estritas ao que a pesquisa se destina, mas também houve diálogos paralelos pré e pós entrevistas, com intenção de produzir proximidade e vínculo com as pessoas participantes, bem quanto a conceder esclarecimentos sobre a participação que lhes é proposta. Cada entrevista foi realizada pelo pesquisador em um único encontro, com o total de quatro participações, todas residentes na região da Grande Florianópolis.

Como critério de seleção, a participação na pesquisa ficou condicionada à adesão de pessoas com práticas anticonsumidoras, quando ensejada, ou por clivagem em ausências financeiras, teoricamente asseguradas, mas nitidamente disfuncionais para suprir necessidades básicas, contrárias ao apelo social e ao sistema capitalista. O contato com essas pessoas deu-se pelo método bola de neve, que consiste em indicações participativas, uma a partir de outra, tendo estas pessoas explícita liberdade para recusar o convite recebido, porém, sem prejuízo da possibilidade de indicar outras pessoas.²⁴ Todas as participações manifestaram o desejo de serem identificadas pelo próprio nome, ou respectivo apelido, e foram contatadas conforme indicação. Uma estudante indicou outra estudante e uma pessoa em situação de rua fez a indicação de outra pessoa em situação de rua.

Sobre as participações, duas foram do gênero masculino e duas do gênero feminino. As idades variaram entre vinte e dois e cinquenta e oito anos, enquanto a escolaridade ficou entre analfabetismo, ensino fundamental incompleto, superior incompleto e segunda graduação em

²¹ GIL, 2002. p. 41.

²² GIL, 2002.

²³ PIMENTEL, 2001. p. 180.

²⁴ VINUTO, 2014.

curso. As mulheres desta pesquisa são graduandas do curso de psicologia de uma universidade local, sendo que uma delas já concluiu a graduação em outra área do conhecimento e possuem renda familiar entre três e sete salários mínimos. Os homens da pesquisa se encontram em situação de vulnerabilidade social, desprovidos de moradia e com renda paga pelo governo fixado em noventa e um reais, complementado pelo rendimento oscilante que conseguem nas ruas.

Houve, para este fim, prévia aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob registro 17342719.7.0000.5369. O teste piloto, pré-pesquisa, foi aplicado a uma pessoa indicada por colegas de curso, para guardar distanciamento do pesquisador com a parte entrevistada e com a finalidade de validar o instrumento para coleta de dados. Posteriormente à realização do teste piloto e feita as alterações apropriadas, foi realizado, por meio de contato telefônico ou pessoalmente, possíveis agendamentos com pessoas sugeridas para participar da pesquisa, verificando o interesse e disponibilidade para com a indicação. Mediante aceite do convite, um horário foi combinado para o prosseguimento das entrevistas, em caráter individual.

Referente ao local da entrevista, foi sugerido pelo pesquisador, sob orientação, que acontecesse nas dependências da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), precisamente no Serviço de Psicologia da citada instituição, localizada na cidade de Florianópolis e oportunamente na rua Trajano, aonde dispõe de espaços privativos majoritariamente protegidos de ruídos, resguardando o sigilo das entrevistas. Para viabilidade das entrevistas, um Termo de Ciência e Concordância foi acordado e permanecerá respeitado entre o pesquisador e as pessoas entrevistadas. Não houve a necessidade de custeio para locomoção das participações até o local da entrevista.

A pesquisa foi submetida ao CEP para apreciação e foi disponibilizado às participações o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ressaltando que, no decorrer da pesquisa, teriam total liberdade para desistir do consentimento a qualquer momento, sem prejuízos. Cada participação foi voluntária. Em caso de desconforto ou mobilização da pessoa a um estado de sofrimento psíquico durante a coleta de dados, a demanda seria imediatamente acolhida pelo pesquisador, na qualidade de responsável, ou ao tratar-se de um caso severo, a participação seria encaminhada para cuidados específicos no Serviço de Psicologia da Unisul ou para outros serviços competentes da rede pública. Os canais para contato com o pesquisador, por telefone e e-mail, ficaram registrados no TCLE para que as participações pudessem se comunicar a qualquer instante, se preciso for ou se houver interesse.

Para a análise de dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra, uma vez que tiveram suas gravações devidamente autorizadas, conforme descrita no TCLE. Salienta-se que o

anonimato das pessoas entrevistadas permanece preservado, com a ressalva de que, por livre vontade, todas preferiram ser referenciadas na pesquisa pelo próprio nome. Após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma análise de práticas discursivas. Entenda-se por análise de práticas discursivas compreensões psicossociais explicitadas publicamente em conteúdos de própria elaboração, que permitiram ao pesquisador, assim como a outras pessoas, compreender formas alternativas de pensar e agir acerca do anticonsumo.²⁵

Para discussão dos resultados, foram elaboradas pelo pesquisador e pela orientadora responsável, duas categorias principais de análise, sendo as relações entre o ser e o ter, considerando condições de possibilidade para oportunizar consumos, no viés da sustentabilidade, por pessoas que possuem ao alcance escolhas de consumo, à carências que os tornam desejáveis, porém não concretizáveis e com estigmatização social, caracterizadas pelo eixo do ser pelo não ter. As narrativas e análises foram dispostas por separações entre as participações e os dados coletados nas entrevistas, sem justaposições evidenciadas. Cada caso é um caso e assim estão coligidos. Foram ações voltadas para a promoção de processos de consumo mais conscientes, na lida da responsabilidade social para com o capitalismo dominante. Por fim, a devolutiva da pesquisa foi expressa com um convite às participações para se fazerem presentes na defesa pública da pesquisa, prevista no cronograma, e através do envio da versão final para o e-mail das participações que possuem este recurso, ou entrega impressa em mãos a outrem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ENTRE O SER E O TER

O hábito de consumir é ensinado, treinado e repassado, tanto de forma geracional quanto pela imposição social. Algumas necessidades são “criadas” para poder consumir, ou ao menos para justificar quaisquer consumos. Informações midiáticas visualizadas, ouvidas ou sentidas podem influenciar as pessoas em suas decisões de adquirir ou não alguma coisa. A entrevistada Alda, cinquenta e oito anos, estudante da segunda graduação e do gênero feminino, sobre a sua forma de consumir, compreende que:

“Eu já fui... fui consumista... querendo tipo assim, quando chega em liquidação e época de [...] final de temporada de uma estação, eu comprava as coisas, sabe? Sempre fiz assim. Só que hoje eu já estou pensando diferente, eu acho que eu tenho muito mais coisas do que eu preciso, né? Já teve época, assim, no período de

²⁵ CAREGNATO; MUTTI, 2006.

liquidação, que eu comprava coisas desnecessárias, sabe? Que eu acabava nem usando, porque o preço estava bom, sabe? “Ah, um dia vou usar!”... Eu fazia isso, hoje eu nem... nem pensar eu faço! Acho totalmente idiota fazer isso assim.”

Existe todo um enredo sociocultural de que é preciso ter (materialidade) para ser (subjetividade), como destaca Bauman, ao salientar que “o dilema sobre o qual mais se cogita hoje em dia é se é necessário consumir para viver ou se o homem vive para poder consumir.” Nos dizeres de Alda, podemos entender que é possível desenvolver um ponto de vista crítico sobre o próprio hábito de consumo, originado eletivamente em seu caso, por consequência do volume de aquisições, mas essa forma de acúmulo material pode provir, identicamente, da necessidade de suprimir plausíveis faltas:

“Quando eu comecei a olhar para o roupeiro e olhar tanta roupa ali parada, sabe? Que eu comprei, que eu nem usei, eu fiquei pensando, pra quê isso, sabe? Qual é a necessidade disso? O que eu estou querendo suprir com isso? Claro que assim, eu tenho um histórico também, né? Eu passei bastante dificuldades, eu casei muito nova, nós saímos da nossa cidade e fomos morar em outra cidade. A gente teve muita dificuldade, antigamente as coisas não eram tão fáceis quanto são hoje, tudo é fácil e barato, roupa e coisas. E aí quando tu passa por um período de privações, quando você consegue comprar, você acaba extrapolando, né? Puxa, antes eu não podia, sabe? Agora eu posso.”

A entrevistada, em sua narrativa, fala sobre fases na forma de consumir, que variaram ao longo do tempo, conforme vontades, tentativas de preencher o vazio provindo de antigas necessidades e novas possibilidades provenientes da melhoria do poder de compra. Nesta direção, Bauman salienta que “a maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor.”²⁶ Consumir é socialmente obrigatório dentro do movimento capitalista e “o prazer que se busca no consumo está, então, na mediação entre a realidade objetiva e a expectativa que se encontra do lado do desejo”²⁷, este de natureza insaciável.

Pessoas optantes pelo anticonsumo, parcialmente dissidentes da lógica capitalista, procuram concentrar seus esforços na melhoria da sociedade como um todo, motivadas por uma gestão de vida muito particular, que elenca as práticas de consumo para uma prioridade secundária.²⁸ De encontro afirmativo, Alda relata, em um contexto coetâneo: “*eu evito*

²⁶BAUMAN, 1999. p. 88.

²⁷BORBA, Mário Pereira; HENNIGEN, Inês. Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade. *Psicol. Soc.* [online]. 2015, v. 27, n. 2, p. 246-255. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000200246&Ing=pt&tIng=pt. Acesso em: 10 maio 2019.

²⁸ALBUQUERQUE, Fábio; BELLINI, Carlo; MOTA, Flavio; PEREIRA, Rita. Motivações para o ciberativismo anticonsumo em comunidades virtuais antimarca. *Rev. Portuguesa e Brasileira de Gestão*, Lisboa, v. 9, n. 1-2,

consumir, de comprar qualquer coisa para mim. Sempre que eu vejo eu continuo gostando, olhando nas lojas, por exemplo agora, época de liquidação, né? Tu olha assim, puts! Que lindo aquele sapato, aquela roupa, mas eu penso: eu não preciso disso.” “É a chamada escolha racional, que é fundada na capacidade de o indivíduo hierarquizar suas preferências, de avaliar o conjunto de ofertas possíveis e aperfeiçoar sua satisfação, medida em termos de utilidade.”³³

O parecer de Alda denota ética no seu fazer, com compreensões culturais e ambientais internalizadas gradativamente, ao ganhar de experiências de vida. Ela possui formação superior em Naturologia e informa que os aprendizados nele adquiridos fortaleceram práticas anticonsumistas e sustentáveis que já desenvolvia muito antes de seu ingresso na graduação. “A questão ambiental é um importante fator influenciador para a adoção de comportamentos de resistência ao consumo.”²⁹ Não obstante, ela reflexiona que *“tudo passa pela educação e educação é contada no bolso das pessoas, né? Ai elas se tocam.”* A educação para o consumo fica basicamente à encargo cultural e na sociedade de consumo, se aprende que tudo tem um preço, mas quase nada tem valor. O que é consumido facilmente pode ser substituído ou descartado, também aplicável às próprias pessoas e suas capacidades produtivas.

Pequenos ajustamentos nos hábitos de consumo poderiam ter grandes diferenciais nos limiares das garantias humanas, mas poucos movimentos são favoráveis ao seu estabelecimento. Os consumidores que se preocupam “em consumir de forma ética e moralmente justificável procuram formas criativas e corretas de materializar seu consumo por meio de uma abordagem mais simples e menos orientada por práticas culturais de consumo de massa.”³⁵, apelo cada vez mais recorrente e difundido no meio social.

Sobre o educar para o consumo na infância, ela cogita: *“se tu ensinar uma criança, né? Se tu mostrar para ela desde pequenininha, eu acho que vai ser mais fácil, no futuro ela vai ter algum... ela vai guardar alguma coisa sobre isso.”* Uma colocação curiosa da entrevistada, haja vista que, mediante intensificação das jornadas de trabalho, “os filhos ficam cada vez menos na presença dos pais e estes tentam compensar a falta cedendo a todos os desejos dos filhos, principalmente no que diz respeito ao consumo. Assim, a criança escolhe o que comer, vestir, entre outros artigos, inclusive para os adultos da casa.”³⁰

jun. 2010. p. 70. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbpg/article/view/78832/75460>. Acesso em: 09 maio 2019.

²⁹ KRAEMER, Fernanda; SILVEIRA, Teniza; ROSSI, Carlos Alberto Vargas. Evidências cotidianas de resistência ao consumo como práticas individuais na busca pelo desenvolvimento sustentável. **Cad. EBAPE.BR.** 2012, v. 10, n. 3, p. 677-700. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512012000300012>. Acesso em: 20 maio 2019.

³⁰ FREITAS-DA-COSTA, Marconi; LIMA, Raniere de França; SANTOS, Paula Janaine dos. Comportamento do consumidor infantil: um estudo do consumo dos pais em supermercados através da influência dos filhos no

Nas relações entre consumo e emprego, Alda infere: *“eu acho que a gente deveria pensar, e é por isso também que me faço pensar no que o consumo gera? “Ah gera emprego”... Eu não sei, sabe? Eu vejo que gera escravidão. Pra ti comprar uma roupa barata, ela teve que ser fabricada por uma pessoa que ganha muito pouco.”* A “mais-valia” é o termo engendrado por Karl Marx para caracterizar os proventos resultantes da diferença entre o que foi investido no trabalhador para se produzir algo e o retorno financeiro resultante daquela produção, nem sempre justa. O capitalismo mercadeja hábitos de vida projetados em afigurações que só sobrevivem no mundo imaginário, conteúdo prognóstico para nossos sonhos, motivadores inteligíveis para a formação de subjetividades que se tornam engessadas, quando haveria potencial para muito mais experiências a serem vividas e compartilhadas. Passar a vida perseguindo a satisfação plena que nunca chega não aparenta validade e muitas vidas são desperdiçadas em seu pejejo.

Com relação à produção de lixo e aos seus impactos socioambientais, Alda observa: *“tu não pára para pensar nessas coisas. O lixo, tu não jogas fora no lixo, porque não tem fora do planeta para ti jogar, né? Tá tudo aqui. Então, daí tu começa a olhar para essas coisas, e daí tu começa a mudar seu pensamento, sabe?”*, afinal, “o atual modelo de consumo é insustentável e indubitavelmente leva ao esgotamento do planeta”³¹, assim como das próprias pessoas. A sociedade de consumidores ambiciosos por angariar poderes de compra não desenvolve o discernimento necessário para identificar que o consumo exacerbado vai acabar levando a nada. “No laço capitalista propriamente dito, reconhecemos o funcionamento de uma sociedade de consumo em que os trabalhadores tornam-se um material humano tão consumível quanto os produtos.”³² E o que sucede aquilo que é consumido? No máximo uma sobra, com pouca ou nenhuma utilidade. “Assim, homens e mulheres são treinados [...] a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis; o mundo inteiro, inclusive outros seres humanos.”³³ Nas palavras de Alda: *“eu vejo assim, que aqui em Florianópolis, a gente vê muita coisa no lixo, móveis bons, as pessoas trocam e jogam no lixo. Tudo é muito descartável, todo mundo.”* Os próprios acometimentos humanos são pretextos para a exploração capitalista, sobrevivente mesmo após o último suspiro.

momento da compra. **Revista Administração em Diálogo - RAD**, [S.l.], v. 14, n. 2, ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rad/article/view/12804/9290>. Acesso em: 21 nov. 2019.

³¹ KRAEMER; SILVEIRA; ROSSI, 2012.

³² TEIXEIRA, Vanessa Leite; COUTO, Luís Flávio Silva. **A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana**. *Psicol. estud.* [online]. 2010, v. 15, n. 3, p. 583-591. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722010000300016>. Acesso em: 20 abr. 2019.

³³ BAUMAN, 2008. p. 198.

Sobre uma outra linha de raciocínio, especificamente da Psicologia Ambiental, contextos sociais e culturais, ao qual uma pessoa está inserida, são incorporados, com suas influências no micro ambiente, de abrangência residencial ou familiar, um espaço de referência próximo e acessível, assim como no macro, sociedade, cidade ou país.³⁴ A entrevistada Clara, vinte e dois anos, estudante da primeira graduação e do gênero feminino, salienta sua percepção sobre as inter-relações ambientais e comportamentais do consumo nas esferas micro e macro:

“É... assim... pensando no micro, na minha família, é... sempre foi uma família que consumia muito, até as coisas mais básicas, como alimentação, sempre comprava em excesso, e... também coisas como roupa, sempre em excesso, sabe? E eu acho que enquanto sociedade, pensando num macro, num contexto maior também, acho que é uma educação, que eu percebo, assim, pelas minhas vivências, sempre voltadas para um excesso. Comprar mais do que a gente... é... acaba precisando, mesmo até questões mais supérfluas, sempre acaba sendo assim.”

Ela considera que a “*nossa cultura é tão engessada em certos aspectos que tu não consegue aceitar que a pessoa têm práticas diferentes que as suas*”, uma interferência aos princípios de liberdade e autonomia que partem do individual para o coletivo, para além das relações de poder ao qual estamos em exposição permanentemente. Sobre capitalismo, geracionalidade e consumo, Clara destaca que:

“A quebra de cultura é uma coisa muito difícil, né? [...] tem que ser uma coisa desde pequeno mesmo, porque... enfim... o sistema capitalista é muito difícil, né? Porque a gente tá sobre uma lógica cruel, assim, né? Que a gente acredita mesmo que a gente precisa comprar, né? [...] aí também acho que entram questões de, por exemplo, [a universidade] desse porte, não reciclar lixo, por exemplo, sabe? Acho que daí entram questões de possíveis... é... ações do Estado, de taxar empresas que não reciclam, por exemplo, na base da obrigatoriedade.”

Aglutinada em uma dinâmica pátria capitalista, subsiste em algumas pessoas um arbítrio perseverante de resistência ao modelo econômico instituído, anticonsumista, por vezes tácito para uma adequação social, mas subjetivamente condenado. “Como particularidade do mundo capitalista, tem-se uma sociedade que está habituada a consumir muito além do necessário, pois, assim como as indústrias não param de produzir, as pessoas estão sempre em busca de novos bens para adquirir.”³⁵ Clara, no movimento de consumo e consciência, compartilha o que gostaria que outras pessoas soubessem:

³⁴ MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 3, n. 1, p. 121-130, Junho, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100008>. Acesso em: 20 nov. 2019.

³⁵ CORREIA, José Jonas Alves; SILVA, Filipi Emmanuel Alves; SILVA, Valdemir; FREITAS, Maurício Assuero Lima. A psicologia econômica na análise do comportamento do consumidor. **Revista brasileira de marketing - REMark**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 218-229, abr./jun. 2017. p. 220. Disponível em:

“Eu acho que... Bom, eu acho que... De maneira geral, é... Que as pessoas tivessem mais noção de que essa lógica, ela é... Ela é cruel e ela não tem fim. Que a gente está submetido a uma máquina de comprar, de trabalhar pra comprar e de dar dinheiro para outras pessoas, que ela não vai ter fim se a gente não se tornar consciente disso. Acho que é a primeira coisa, e a partir disso, o impacto que pequenas coisas que a gente faz na nossa vida, tem de maneira geral no mundo... Eu acho que é necessário que as pessoas integrem as informações, assim, eu acho que é muito dissociado. Eu acho que a gente comprar muito ou a gente produzir muito lixo, não separar esse lixo, enfim, não vai ter um impacto direto, mas tem.”

Em um cenário distinto, mas com similaridades, Clara relata sobre as vertentes da sua decisão de não consumir carne:

“Eu não como carne, já vai fazer quase dois anos. Foi uma escolha pela questão... Pelo impacto ambiental e que também mudou completamente a minha relação com isso, de cozinhar, enfim... E isso na minha família foi um problema, então... Eu não posso dizer que teve um afastamento, mas é uma questão, sabe? De... Tipo, almoço de família, essas datas comemorativas, que sempre tem pratos tradicionais, né? Que vão carne e que eu não como mais, então eu acho que pode ter distanciamentos, mas para pessoas que estão abertas para ouvir e se tornarem conscientes dessas questões, eu acho que não.”

O ponto de correspondência entre as formas de não consumo mencionadas acima converge na dificuldade, ou até insucesso, de produzir uma conscientização que abarque suas particularidades. “Precisamos continuar pesquisando para conhecer os sentidos que os sujeitos dão a suas experiências, os comportamentos que adotam em relação a si e aos outros e os sentimentos vivenciados no processo.”³⁶ Clara enuncia: *“enxergo o anticonsumo como uma possibilidade de tentar reduzir o impacto dessa cultura do excesso. Eu, particularmente, penso que estou diminuindo o impacto, sabe? Eu não enxergo o anticonsumo como uma coisa radical, mas sim como práticas... é... amenizadoras.”*

Poucas pessoas estão dispostas, abertas ao diálogo e a conhecer novas possibilidades de vida ao invés de unicamente reproduzir comportamentos que já estão postos, afinal eles exigem menos tempo e estamos sempre com pressa. Preferimos alimentos industrializados para ganhar tempo, caminhamos e comemos rapidamente para ganhar tempo, dormimos pouco ou por vezes nem dormimos para ter tempo, porém quanto mais corremos para ter tempo, menos tempo temos. Estamos sempre o perseguindo, mas nunca alcançamos. Na correria, sequer paramos para pensar sobre ele, assim como não paramos para nos ater às questões sociais, ambientais e à outras pessoas. Não sobra tempo, ou melhor, custará tempo e tempo é dinheiro.

<http://www.revistabrasileiramarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/article/view/3470/2421>. Acesso em: 20 nov. 2019.

³⁶ SAWAIA, 2001. p. 113.

3.2 O SER PELO NÃO TER

O filósofo Michel Foucault expressa o conceito de “biopoder”³⁷, uma forma de poder regulatório sobre as vidas, que as domina por intermédio da afronta ao livre arbítrio, fazendo valer a vontade coletiva ao invés das vontades individualizadas.³⁸ “O biopoder foi elemento indispensável ao desenvolvimento capitalista, de forma a garantir uma inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e um ajustamento dos fenômenos da população aos processos econômicos”³⁹, subterfúgio para a consolidação das intencionalidades e racionalidades industriais, escravizadoras. No eixo do biopoder foucaultiano, estratégias capitalistas disciplinam os corpos como orientação de vida a serem seguidas, “um poder mais difuso, incidindo sobre os desejos permitidos, incitados e amplificados pelas promessas de consumo.”²⁷ Contudo, segundo Bauman, “todos nós estamos condenados à vida de opções, mas nem todos temos os meios de ser optantes.”⁴⁰

A vida humana é ornamentada em função do ter e não ter em uma sociedade capitalista é sinônimo de não pertencimento, com tendências à frustração. Desvencilhar-se do sistema capitalista de consumo implica diretamente em estigmas sociais, “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”⁴¹, como relata o entrevistado Léo, trinta e sete anos, analfabeto, gênero masculino e morador de rua, contrastando sua condição atual com o período em que se encontrava apostado ao sistema capitalista:

“Eu sinto vergonha, porque meu... eu... eu... antes eu... antes eu tinha uma vida, eu lidava com gente da sociedade, gente... entendeu? Agora... daí eles me vêem nessa situação, assim... eu tenho vergonha disso aí, entendesse? Eu me envergonho. Às vezes, quando eu vou dormir, eu durmo num local escondido, que é onde ninguém passe, pra mim poder ficar escondido, pra ninguém passar e me reconhecer, entendeu? Às vezes, de vez em quando, quando eu tô sentado ali, passa alguém conhecido, mas a gente fica com vergonha, entendeu? Eu tenho muita vergonha disso aí.”

“São os integrantes de categorias mais subalternizadas os que vivenciam, de forma acentuada, situações que lhes desvalorizam, humilham, fazendo-os sentirem-se envergonhados.”⁴² Em uma situação desta competência, a pessoa torna-se impedida de atender

³⁷ FOUCAULT, 1977.

³⁸ OLIVEIRA, 2008, p. 61-71.

³⁹ Ibid., p. 62.

⁴⁰ BAUMAN, 1999, p. 94.

⁴¹ GOFFMAN, 1975, p. 4.

⁴² CARRETEIRO, Teresa Cristina. Sofrimentos sociais em debate. **Psicologia USP**, 2003, v. 14, n. 3, p. 57-72. p. 60. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd26/v14n3a06.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

à demanda cultural de que precisa contribuir produtivamente com a sociedade, fazendo com que essa “vergonha” não seja somente transitória. “O sofrimento social não tem visibilidade: ele se inscreve no interior das subjetividades sem, no entanto, ser compartilhado coletivamente.”⁴³ As vozes de quem passa por este processo são silenciadas sistematicamente, com o “sofrimento gerado pela situação social de ser tratado como inferior, sem valor, [...] por causa da pobreza ou em virtude da natureza restritiva das circunstâncias em que vive.”⁴⁴ Sobre práticas de consumo e a segregação das pessoas cada vez mais presente na sociedade, Léo expõe:

“Pior que eu acho isso aí uma coisa muito exagerada, que tipo assim... Que nem do consumo, pessoal trabalha, trabalha, trabalha, aí final de semana vão e gastam tudo, gastam tudo. Esquece da família e esquece deles, cuidam da vida dos outros, querem... Invés de cuidar da vida deles... Da família deles, eles esquecem, né? Eu acho que isso aí já é errado.”

O ser humano vive envolto em um mundo de escolhas. À primeira vista, todas as soluções para as mazelas da vida parecem ter sua origem na decisão errônea de outrora. É comum encontrar, no discurso de pessoas, a atribuição de escolhas passadas como justificativa para sua condição atual, em uma corresponsabilidade social que não procede. Neste contexto, Léo traz consigo sentimento de culpa pela situação em que se encontra: *“perdi por... por... por não saber... por não saber ouvir... e não ter cabeça, né?”* Bauman infere sobre pessoas ouvindo “diariamente que o que está errado em suas vidas provêm de seus próprios erros, foi sua própria culpa e deve ser consertado com suas próprias ferramentas e por seus próprios esforços”⁴⁵, um fundamento contestável, quando as mesmas condições de exercer a cidadania, principalmente pela empregabilidade formal, não se aplica a todas as pessoas.

Os desamparos assistenciais seguem acompanhados da dificuldade de conviver com as pessoas que transitam pelo centro da cidade, originada na falta de empatia alheia. Da maneira como se apresenta, em termos de constituição de sujeito, “são produzidas marcas no psiquismo individual [...] que contribuem para a formação de um déficit narcísico. [...] O acúmulo do reconhecimento pautado na negatividade vai romper ou esgarçar o contrato narcísico. Tal processo terá desdobramentos subjetivos e sociais.”⁴⁶ Nas palavras de Léo:

⁴³ CARRETEIRO, 2003.

⁴⁴ SAWAIA, 2001. p. 109.

⁴⁵ BAUMAN, 2001. p. 84.

⁴⁶ CARRETEIRO, 2003.

“O pessoal é muito... como posso dizer? Preconceituoso, entendeu? Eles passam, a gente dá bom dia e eles viram a cara, ou às vezes eles nem conversam, nem dão bom dia, entendeu? As vezes eles passam ali como se a gente fosse um lixo, entendeu? Então pra eles a gente é um lixo. É um estorvo de vida aqui. [...] se a gente come, se a gente consegue fazer alguma coisa é ali no estacionamento, mas tem que trabalhar pra ti poder comer alguma coisa de meio dia, se não passa fome. Eu vou dizê, desde esse tempo, até agora que eu vivo aqui, ninguém [...] chegou perguntando se eu tava precisando de uma casa, de uma coisa, de uma ajuda, entendeu?”

“Perguntar por sofrimento e por felicidade no estudo da exclusão é superar a concepção de que a preocupação do pobre é unicamente a sobrevivência e que não tem justificativa trabalhar a emoção quando se passa fome.”⁴⁷ “Pessoas Normais” é um termo proposto por Goffman para definir pessoas que estigmatizam outras pessoas. O desejo coletivo de um padrão de “normalidade” enfatiza pessoas dentro de embalagens sociais que se permitem ao direito de exigir de outrem a obrigatoriedade de contribuir para a cultura do consumo. “Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais, efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida.”⁴⁸ A noção de exclusão social “sinaliza o destino excludente de parcelas majoritárias da população mundial [...] pelas restrições [...] decorrentes de modelos e estruturas econômicas que geram desigualdades absurdas de qualidade de vida.”⁴⁹

“Bader Sawaia discorre sobre a importância da afetividade. Opta pelo conceito de sofrimento ético-político para incorporar a ética, a felicidade e o humano como critérios que se entrelaçam com o econômico e o político.”⁵⁰ A felicidade não é uma condição obrigatoriamente associada ao consumo, embora se possa ter falsas impressões sobre ela em alguns momentos de uma trajetória consumidora. “O sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma, que mutilam a vida de diferentes formas.”⁵¹ As dificuldades empregatícias, a precarização do trabalho e o descompasso dos reajustes salariais, em consonância com a inflação econômica, tornam o acesso ao consumo restrito ou até insuficiente para algumas pessoas. Léo expressa um pouco de seus sentimentos sobre a situação em que se encontra atualmente, com pluralidade:

“Ficar na rua é uma coisa triste pra nós, entendeu? Não é uma coisa feliz, a gente fica feliz ali, a gente tá conversando, tá rindo, tudo, mas é... É uma dor que dá no coração, entendeu? Porque tu queria tá dentro de uma casa, tu queria tá numa boa... Entendeu? Tá com a tua família, entendeu? Tu queria ter uma cama, tu queria um banho pra tu poder tomar todo dia, entendeu? Coisa que na rua a gente não tem.”

⁴⁷ SAWAIA, 2001. p. 98.

⁴⁸ GOFFMAN, 1975. p. 8.

⁴⁹ WANDERLEY, 1999. p. 16

⁵⁰ SAWAIA, 2001. p. 11.

⁵¹ Ibid., p. 62.

Retomando à Psicologia Ambiental, o entrevistado Léo retrata um fato que acontece na esfera micro de seu cotidiano, no âmbito da convivência proximal à outras pessoas, também em situação de vulnerabilidade social:

“Tem uma separação, tem aqueles que são os mendigo que se acham, que são os mendigo playboy, e tem os "mendigo mendigo", que somos nós, entendesse? O pessoal que fica mais ali no meio da praça são aqueles "mendigo" que se acham, os mendigo playboy, que querem andar bem arrumado, de relógio, de pulseira... e nós somos os mendigo mais honesto... Mais honesto não... mais pobre que tem, né? Que anda de qualquer jeito, conversa com todo mundo.”

Pode-se perceber, a partir da fala de Léo, que até mesmo dentro da falta de escolhas, existem escolhas possíveis. São pessoas que não deixam de coabitar aquele espaço, mas que ali estando, se segregam e adotam comportamentos particulares, por aproximação. “Assim, uma pessoa segue uma rotina determinada pelo seu estilo de vida, na tentativa de se tornar cada vez mais bem-sucedida, mais livre, mais feliz.”⁵² O grande contraponto é a justaposição que parece haver entre o ser e o ter no seu espaço de convivência. Aqueles que possuem mais posses e preferem esta forma de viver, com características especificadas por Léo, não se articulam tão bem nas esferas relacionais quanto àqueles mais humildes, representados por Léo, que defende “preferir mil vezes ter amizade com todo mundo do que ter posses.” Independentemente, neste meio, consumos se fazem presentes e não são sabidas, a partir das entrevistas, a decisão totalitária por uma ou por outra opção.

O consumo como meta de vida denuncia empobrecimentos culturais, acentuados pela falta de planejamento e investimentos governamentais, higiene urbana, saneamento, suporte na saúde, educação, habitação, mobilidade, previdência etc. Hilar pensar que “todas as vezes que tentam justificar o seu cruel desprezo pelo sofrimento humano, os políticos repetem o clichê: ‘Não desperdicem nisso o seu dinheiro’. Mas onde estaria o dinheiro que se poderia ‘desperdiçar’?”⁵³ O mercado de trabalho é seletivo e a concessão de auxílios governamentais é bastante restringido. Estando à mercê de filantropias deficitárias, há o desabono social e falta de oportunidades, que o pesquisador denomina como portas fechadas. Maurício, vinte e seis

⁵² MANCEBO, Deise; OLIVEIRA, Dayse Marie; FONSECA, Jorge Guilherme Teixeira; SILVA, Luciana Vanzan. Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. **Estud. psicol.** (Natal). 2002, v. 7, n. 2, p. 325-332. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200013>. Acesso em: 01 mai. 2019.

⁵³ MÉSZÁROS, 2002. p. 916.

anos, com escolaridade fundamental incompleta, gênero masculino e morador de rua, refere sobre algumas portas fechadas que encontrou e ainda encontra em seu itinerário:

“Meu maior sofrimento é não obter resultado nas coisas que eu quero. Que nem eu te falei, pegar o benefício do governo e da minha visão, isso que é meu... minha maior tristeza. Eu me sinto... eu corro atrás, eu vou atrás e nunca dá certo. Vou num lugar e falam que não dá certo, vou em outro e falam que não dá certo, isso... o que mais me perturba ainda é isso. [...] penso nessa parte sobre ter uma casinha, ter um carrinho, ter uma pessoa do meu lado para me cuidar, [...] pra não me humilhar. Muitas pessoas já me humilharam, pessoas já me desrespeitou dentro da escola, dentro de casa, dentro do serviço, muitas pessoas já me desrespeitou...”

“A experimentação de outros modos de vida e de outras relações sociais nos interstícios de uma sociedade que se desagrega, serve para atacar e deslegitimar o controle que o capital exerce sobre os espíritos e os corpos.⁵⁴ Bauman fala sobre “a busca ávida e sem fim por novos exemplos aperfeiçoados e por receitas de vida.”⁵⁵ Para o autor, “ilusão ou não, tendemos a ver as vidas dos outros como obras de arte. E tendo-as visto assim, lutamos para fazer o mesmo.”⁵⁶ O entrevistado Maurício, em um contexto de vida simplista, também projeta receitas de vida. Seus parâmetros seguem um viés de aprimoramento com conservadorismo e despreensão. Afinal, em tempos de consumos demasiados e tantos exemplos aperfeiçoados de vida, realizar sonhos aquisitivos, relacionais e afetivos reducionistas podem escapar às vontades coletivas. Nas palavras dele:

“Todo ser humano tem um sonho de ter uma casa, de ter um carro, de ter uma família, meu sonho é isso, ter um carro, uma família, uma esposa que tá ali, pra fica do meu lado, ter um filho pra que possa tá do meu lado, me apoiando, me erguendo, me levantando, acordando todo dia no lado dela, do lado dos filhos, assim...”

Além das relações do ter para ser, abordagem desta pesquisa, outro dilema surge, o de que, quanto mais se tem, mais se quer ter. Exaltam-se os imaginários subjetivos e distanciam-se as realidades objetivas, pautadas na falta coletiva de um bom senso solidário. As pessoas que participaram da pesquisa com menos condições de consumir demonstram se contentar e desejar muito pouco. São identificados como privilégio direitos básicos que garantam condições mínimas e dignas de sobrevivência.

Na disparidade entre a oferta e a demanda do mercado capitalista, há uma massa residual humana que não encontra o que fazer e torna-se excluída socialmente, pela ruptura categórica

⁵⁴GORZ, 2005. p. 71.

⁵⁵BAUMAN, 2001. p. 87.

⁵⁶Ibid., p. 97.

do padrão consolidado de produção e consumo. “À essa fase de dependência se segue outra, caracterizada pela ruptura dos vínculos sociais - cessam-se todos os tipos de ajuda, num momento em que as pessoas enfrentam problemas em todos os setores da vida.”⁵⁷ Uma inclinação para o não consumo pode produzir, na opinião alheia, uma diminuição do prestígio social, como se a pessoa estivesse inapta a conviver com outras pessoas ou para ter os mesmos direitos de quem produz e consome. O ócio vivido por pessoas pertencentes a classes mais baixas, em alguma medida, é visto com desconfiança e é cobrado socialmente, pois se espera que o sujeito trabalhe para poder se manter, mas ociosidades não são questionadas em classes sociais mais altas. Bauman refere que “uma sociedade de consumidores se baseia na comparação universal – e o céu é o único limite.”⁵⁸ Nos casos estudados, as pessoas entrevistadas “lutam contra formas de assujeitamento, de submissão da subjetividade a qualquer tipo de poder.”⁵⁹

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender, por intermédio da aplicação de entrevistas, processos e práticas de consumo e anticonsumo vigentes na sociedade capitalista, embora limitado ao número de quatro participações da capital Catarinense. Dois eixos para análise de dados foram propostos pela pesquisa: participações que possuem propensão ao consumismo, por favorecimento socioeconômico, mas que optam por formas de consumo socialmente benevolentes, acrescidos de destrutividades ambientais minimizadas; e as participações exclusas do capitalismo, privadas do consumo por problemas estruturais, na ordem de intelectualidades compartilhadas e do próprio sistema financeiro, distantes de terem garantidos seus direitos básicos de sobrevivência, previstos constitucionalmente, mas ausentes nestas realidades de vida ao qual o pesquisador teve acesso.

Foram evidenciados referenciais teóricos abordados anteriormente no planejamento da pesquisa, que tratavam sobre problemas sociais e culturais decorrentes do capitalismo, bem como a ineficiência e desamparo das políticas públicas governamentais. Mesmo sendo o capitalismo uma praxe que produz desigualdades sociais, estar fora dele provoca sofrimentos estigmatizantes, interações humanas desprestigiadas e perdas autoavaliativas. Formas de consumo alternativas permanecem acompanhadas por certos estranhamentos em contextos

⁵⁷ PAUGAM, 2001. p. 76.

⁵⁸ BAUMAN, 2001. p. 90.

⁵⁹ OLIVEIRA, 2008. p. 65.

diferenciados, afinal mudanças culturais não acontecem do dia para a noite. A persistência é o principal instrumento para a construção de novas mentalidades e fazeres que perpassam a condição humana, escapes à meras compreensões superficiais de compromissos universalizantes.

A temática proposta é bastante ampla e sugere-se que pesquisas futuras possam ter maiores especificidades em suas delimitações, assim como número de participantes mais expressivo e de diferentes regiões demográficas, no intuito de enriquecer o enlace e justaposição entre os conteúdos emergentes. Enquanto estudante, a pesquisa proporcionou articular diversos conhecimentos transmitidos ao longo da graduação, além de promover mobilização e sensibilização na lida com inconsistências socioculturais. Foi possível presenciar, ainda que minimamente e com duas das participações, a falta de empatia provinda da população regional em relação às pessoas caracterizadas pelo não ter, no espaço-tempo de permanência junto a elas, inclusive advindo de outras pessoas com acesso privilegiado ao conhecimento.

Uma célebre frase de Abraham Lincoln afirma que “a melhor maneira de prever o futuro é criá-lo.” Então, que haja postura e prudência nas ações e decisões tomadas a cada novo dia, olhares prestativos e bom senso, em prol de um todo solidário que supere as relações entre subjetividades e materialidades, “entre o ser e o ter.” É imprescindível que campos interdisciplinares do conhecimento se façam presentes na educação para o consumo, especialmente da Psicologia, enquanto área do conhecimento em constante expansão, da qual deriva compreensões e mutualidades comportamentais que muito têm a contribuir neste quesito.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fábio; BELLINI, Carlo; MOTA, Flavio; PEREIRA, Rita. Motivações para o ciberativismo anticonsumo em comunidades virtuais antimarca. **Rev. Portuguesa e Brasileira de Gestão**, Lisboa, v. 9, n. 1-2, jun. 2010. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbpg/article/view/78832/75460>. Acesso em: 09 maio 2019.

BARROS, Raissa Ester Maia. Lazer e jornada trabalho: um estudo sobre a dignidade do trabalhador na sociedade capitalista. *In*: SINAIS - **Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES. v. 1, n. 19, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/12232/9748>. Acesso em: 07 abr. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORBA, Mário Pereira; HENNIGEN, Inês. Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade. **Psicol. Soc.** 2015, v. 27, n. 2, p. 246-255. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000200246&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 10 maio 2019.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Florianópolis: 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em: 31 maio 2019.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Sofrimentos sociais em debate. **Psicologia USP**, 2003, v. 14, n. 3, p. 57-72. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd26/v14n3a06.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

FERRAZ, Sofia Batista; REBOUÇAS, Sílvia Maria Dias Pedro; NOGAMI, Vitor Koki da Costa; QUEZADO, Isabelle. Menos é Mais? Um Estudo sobre Materialismo e Anticonsumo. **Revista Pretexto**, Belo Horizonte, MG, v. 15, n. 4, p. 83-99, out./dez. 2014. Disponível em: http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/2299/pdf_35. Acesso em: 08 jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. **Plageder**, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

IBGE. **Desemprego sobe para 12,7% com 13,4 milhões de pessoas em busca de trabalho**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24283-desemprego-sobe-para-12-7-com-13-4-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-trabalho>. Acesso em: 30 abr. 2019.

IBGE. **Pobreza aumenta e atinge 54,8 milhões de pessoas em 2017**. Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23299-pobreza-aumenta-e-atinge-54-8-milhoes-de-pessoas-em-2017>. Acesso em: 30 abr. 2019.

KRAEMER, Fernanda; SILVEIRA, Teniza; ROSSI, Carlos Alberto Vargas. Evidências cotidianas de resistência ao consumo como práticas individuais na busca pelo desenvolvimento sustentável. **Cad. EBAPE.BR** [online]. 2012, v. 10, n. 3. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512012000300012>. Acesso em: 20 maio 2019.

MANCÈBO, Deise; OLIVEIRA, Dayse Marie; FONSECA, Jorge Guilherme Teixeira; SILVA, Luciana Vanzan. Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. **Estud. psicol.** (Natal) [online]. 2002, v. 7, n. 2, p. 325-332. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200013>. Acesso em: 01 maio 2019.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 121-130, Junho, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100008>. Acesso em: 20 nov. 2019.

OLIVEIRA, Lúcia Manoel Barbosa. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 34, n. 2, p. 61-71, dez. 2008. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu//view/366/367>. Acesso em: 29 maio 2019.

PAUGAM, Serge. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. *In*: SAWAIA, Bader (Org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 179-195, nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SAWAIA, Bader (Org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social. *In*: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Temáticas, v. 44, Campinas, 2014.

TEIXEIRA, Vanessa Leite; COUTO, Luís Flávio Silva. A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana. **Psicol. estud.** 2010, v. 15, n.3, p. 583-591. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722010000300016>. Acesso em: 20 abr. 2019.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. *In*: SAWAIA, Bader (Org). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.